

Para além de Althusser e Foucault

FÁBIO FERNANDES

As tecnologias do imaginário, de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003, 211p.

Resumo Esta resenha apresenta um estudo, resultado de pesquisa com o apoio do CNPq, que o professor Juremir Machado da Silva desenvolveu sobre a justaposição de dois termos considerados antagônicos ("tecnologia" e "imaginário"), propondo uma nova hipótese sobre a relação entre emissores e receptores, substituindo a idéia de manipulação da mídia, vigente até hoje, pelos conceitos de sedução e construção de imaginários.

Palavras-chave imaginário, tecnologia, controle, manipulação, sedução

Abstract This review presents a study, result of years of research with the support of the CNPq, that Professor Juremir Machado da Silva developed on the juxtaposition of two words ("technology" and "imaginary") viewed as antagonistic to each other. He then proposes a new hypothesis about the relationship between emitters and receptors, by replacing the idea of media manipulation, which is still currently used, for the notions of seduction and imaginary building.

Key words imaginary, technology, control, manipulation, seduction

Nem tecno-rosa nem tecnossauro: o trabalho mais recente de Juremir Machado da Silva recusa rótulos e busca não um consenso ou uma fácil concordância com apocalípticos ou integrados, mas uma atualização de velhos conceitos ligados à vigilância e controle na sociedade. Em *Tecnologias do imaginário*, Juremir parte da tradicional idéia difundida no ocidente de tecnologia associada a controle (tomando

em particular o pensamento de Heidegger como referência) e a redireciona para o conceito de imaginário, tão difundido pela mídia hoje.

Antes circunscrito ao espaço acadêmico, o termo "imaginário" vem sendo cada vez mais disseminado na sociedade, quase sempre de maneira multifacetada. Juremir restringe o campo semântico dessa palavra partindo das definições de Lacan (de que o imaginário é o território da ilusão), Bachelard (um instrumento de tradução imagética do pensamento humano) e Maffesoli (uma fonte comum de sensações, lembranças e afetos).

Mas Juremir alerta: engana-se quem pensa que o imaginário pode ser definido pura e simplesmente como um simples álbum de fotografias mentais ou um museu da memória individual ou social. Em suas próprias palavras, "*o imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente*" (p. 9). O imaginário é simultaneamente reservatório e motor: depósito de imagens, sentimentos, lembranças e experiências, e uma força que impulsiona a concretização da realidade. A realidade é o que nosso imaginário arquiteta e constrói.

Althusser já havia abordado isso ao desenvolver o conceito de "aparelhos ideológicos de Estado", ou seja, instituições como a religião, a escola, a família, cuja função é da inculcar a visão de mundo dos dominadores sobre a mente dos dominados, para melhor sujeitá-los e impedir a insatisfação. O imaginário aparece aí como instrumento de deturpação do real em proveito das classes dominantes.

Mas onde está a questão da tecnologia? É Foucault quem problematiza o papel dos dispositivos, ou seja, estratégias, mecanismo, instrumentos e práticas para sujeitar o indivíduo sem violência física: tecnologia política. Para Juremir, os imaginários se difundem por meio de tecnologias próprias, ferramentais que ajudam o imaginário a cumprir sua função: representação simbólica do real.

Em tempos de globalização política e midiática, e tomando emprestado a Foucault a utilização do conceito de "tecnologias", Juremir acha possível falar, então, em "tecnologias do imaginário". Para ele, onde os aparelhos ideológicos atualizam e fundamentam o poder, as tecnologias do imaginário operam no território anárquico da potência. A separação entre termos é fundamental: aqui falamos de potência no sentido nietzscheano, da vontade de "potência", energia e magma vital, não "poder", castrador em sua essência.

É esse deslocamento de "poder" para "potência" que norteia o livro de Juremir. Se, antes, as tecnologias de controle enfatizavam a razão, o utilitário, o apolíneo, as tecnologias do imaginário dão valor ao passional, o estético, o dionisíaco. O *Big Brother* de Orwell virou o *Big Brother* da TV: do "panopticum" de Bentham (que

Foucault cita como exemplo da vigilância total) passamos para vitrines *voyeuristas*, onde os vigiados o querem ser efetivamente, e nisso se comprazem. As tecnologias de imaginário são tecnologias de sedução.

Como, além de sociólogo, Juremir é jornalista, ele próprio não resiste a uma certa (e interessante) sedução ao concluir o livro com um exemplo prático: uma pequena, porém, certa análise sobre o jornalismo como desvelamento. Se o real só se manifesta pelo imaginário, não há uma verdade absoluta e universal: tudo é versão. A provocação de Juremir consiste em apontar a discrepância entre "exatidão" e "verdade", que os jornalistas ainda confundem. O jornalismo produz versões. A verdade do jornalismo estaria na sua técnica, ou seja, segundo a visão heideggeriana, fazer passar do estado escondido ou não escondido, revelar. A verdade não é objetiva, mas consiste no uso que se faz da subjetividade. Entretanto, Juremir parece menos preocupado em apontar uma possível manipulação da notícia pela mentira ou censura (pontos que o ensaio recém-publicado de Perseu Abramo, *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa* (Fundação Perseu Abramo, 2003), cobriu de maneira definitiva) do que pela exatidão.

Fosse ficção e talvez o livro de Juremir encontrasse ressonância nos livros de Bruce Sterling, ideólogo do Movimento Cyberpunk, cujas obras de ficção científica sempre e cada vez mais caminham sobre a linha fina que separa a ficção da realidade, discutindo as políticas da tecnologia e sua inserção nas diversas camadas da sociedade, como em *Islands in the Net* (Ace Science Fiction, 1989) e *Zeitgeist* (Bantam Books, 2000).

E é justamente de *zeitgeist* que trata *As tecnologias do imaginário*: o espírito do tempo, do nosso tempo, do tempo em que todas as culturas se misturam no grande caldeirão midiático, nesse Grande Circo Místico no qual, para Juremir, não existem mais os aparelhos ideológicos de Estado de que falava Althusser, mas antes uma extensão da análise de Foucault sobre a multiplicidade do instrumental utilizado — com o pleno consentimento dos vigiados.

Talvez pudéssemos falar de "aparelhos semióticos", mas não de estado. Antes o conceito de zonas autônomas temporárias, de Hakim Bey (pseudônimo do escritor libertário Peter Lamborn Wilson): espaços em constante mutação física e psíquica, sem obrigação de pertencer a alguma corrente política ou ideológica. Mas com uma agenda, um objetivo, um imaginário. Aparelhos semióticos independentes. Que permeiam o mundo praticamente em sua totalidade, libertando o ser humano. Pois, para Juremir, quando o controle é total, não há controle. E esse é o mundo em que vivemos — gostemos disso ou não.

FÁBIO FERNANDES é jornalista, dramaturgo e tradutor. Mestrando no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, pesquisador do NUPH (Núcleo de Pesquisas em Hipermídia, ligado à PUC-SP), é autor das coletâneas de contos *Interface com o Vampiro* (Writers, 2000) e *Pequeno Dicionário de Arquétipos de Massa* (a sair em 2004). Desenvolve o projeto *Órbitas Instáveis*, que propõe um "mapeamento afetivo" das ruas de São Paulo com base na Mecânica Quântica de Bohr e Heisenberg e na literatura de James Joyce.
ffernandes1@uol.com.br

*Resenha agendada em setembro de 2003
e aprovada em fevereiro de 2004.*